

O ÍNDIO BRASILEIRO NA VISÃO DE MACHADO E ALENCAR

Virginia Andrea G. Meirelles *

RESUMO

Esta comunicação retoma as leituras, enquanto sinônimo de críticas, sobre a formação da identidade nacional pela mediação da figura do índio apresentada nas obras de dois clássicos da literatura brasileira: José de Alencar e Machado de Assis. Embora os dois escritores abordem o mesmo tema, a forma como estes índios são descritos, quanto a atitudes e formas físicas, é muito diferente. Por estar ligado ao movimento romântico na época da produção de *Iracema* e *O Guarani*, Alencar idealiza a figura do índio, enquanto Machado de Assis, longe do movimento romântico, retrata o índio de forma não idealizada quando escreve *As Americanas*, além de incluir a participação indígena na construção do "pecúlio comum" em seu ensaio "Instinto de Nacionalidade" de 1873. Trabalhar com uma fase não canonizada do autor Machado de Assis sempre suscita críticas e traz à tona uma reflexão sobre o valor do valor de uma obra literária.

Palavras-chave: Valor, cânone, José de Alencar, Machado de Assis, mediação.

Da vasta obra do escritor Machado de Assis, apenas alguns de seus trabalhos fazem parte do cânone literário brasileiro. As obras canonizadas pertencem todas à chamada segunda fase ou fase madura do escritor e, coincidentemente, são todos romances. Os textos poéticos bem como a produção teatral de Machado de Assis são pouco estudados. Sendo assim, é interessante notar que dentro da obra do escritor alguns textos foram canonizados enquanto outros são quase ignorados. Por algum motivo, o valor atribuído a esses poucos textos os faz aparecer como dignos de estudo, enquanto o restante da produção literária do autor pode, de certa, forma ser ignorado. Devemos, pois, pensar no valor enquanto mediador da constituição do cânone literário dentro da obra de um mesmo autor.

Dentro da produção literária de Machado de Assis o conjunto de poemas *Americanas* é pouco estudado. É importante notar que, se os romances que poeta José de Alencar dedicou ao índio brasileiro foram canonizados pela crítica, *Americanas* faz parte do grupo de romances e poemas de Machado de Assis que não foram canonizados. O que distingue *Americanas* dos

* Graduanda do 8º semestre do curso de Letras da Universidade Católica de Brasília.

romances de Alencar é que este conjunto de poemas pode ser visto como uma re-criação do romantismo por parte de Machado de Assis.

Por romantismo, devemos entender além de uma forma de sentir e de ver o mundo, um movimento ligado à forma de pensar de um determinado período da história mundial. O Romantismo histórico apareceu simultaneamente em vários lugares do mundo - como na França e Inglaterra - para reagir contra o absolutismo. Estas manifestações do romantismo foram influenciadas pelo seu similar alemão, que foi o único a se basear numa posição filosófica (Borheim, 1993: 77) . Vários foram os fatores que levaram ao surgimento desta revolução cultural na Alemanha. Em primeiro lugar, o idealismo francês, que tinha influenciado a cultura européia do século das luzes, deixou a Alemanha intelectualmente afastada do resto da Europa. Predominava naquele país, no início do século XIX, um sentimento de frustração intelectual, pois era dada muita atenção à produção do resto da Europa em detrimento à criação local. Surge então a necessidade de valorizar a cultura alemã, fato que deu origem ao *Sturm und Drang*, corrente que pretendia revitalizar a história e as artes decididamente alemãs. Uma das estratégias utilizadas foi a de introduzir na literatura temas eminentemente nacionais. Naquele momento, as fórmulas para a elaboração textual procuravam buscar na história episódios de significação nacional, apresentar cenários que mostrassem a cor local e conceber, dentro do texto literário, heróis e vilões de traços nacionais. Portanto, a produção literária estava voltada para a exaltação da nacionalidade (Soares Amora, s/d: 257). Esta linha de criação foi seguida por José de Alencar nos conhecidos romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), nos quais o escritor cria o mito do indígena brasileiro, que iria representar os ideais românticos da época. Mesmo quando, o autor inclui em sua obra a figura do nativo brasileiro, Alencar descreve o índio de forma idealizada, e por isso o autor falta à verdade histórica. Por outro lado, a representação do índio feita por Machado de Assis -autor que não foi marcadamente romântico- cria uma idéia do

índio mais aceitável por não ser caracterizado como o índio ideal de Alencar. Nestes termos, o grande crítico social consegue ser muito mais nacionalista do que o próprio Alencar.

A meta do Romantismo era redescobrir o passado, motivo pelo qual, na Europa, a literatura concentrou-se principalmente nas histórias, figuras e cenas medievais. No Brasil, seguindo o modelo europeu, os romancistas olhavam para o mundo indígena, que para eles representava o passado nacional. Há, porém, um distanciamento entre o passado histórico e a produção literária no caso específico de José de Alencar, como aponta Alfredo Bosi no capítulo dedicado a este autor no livro *A Dialética da Colonização*. O crítico chega à conclusão que José de Alencar, nos romances *O Guarani* e *Iracema*, prende-se a um ideal romântico e não a uma evocação do passado (Bosi, 1992: 193). Desta forma, os traços do índio de Alencar pouco têm de verossímil se comparados aos do índio histórico. Estas personagens foram figuras criadas para satisfazer os padrões românticos da época. Em outras palavras, contrário ao acontecido historicamente, o índio representado na obra de Alencar não está em conflito com o colonizador, já que existe uma relação servil que pode ser exemplificada pelo índio Peri, que é um vassalo fiel de D. Antônio e pelo relacionamento de Iracema com Martim.

Em 1873, dezesseis anos após a publicação de *O Guarani* e oito após a publicação de *Iracema*, Machado de Assis publica o ensaio *Instinto de Nacionalidade*, no qual o já conhecido escritor, preocupado com o futuro cultural do país, faz uma crítica às condições literárias da época. Um dos pontos que o poeta critica é o uso indiscriminado da figura do índio, pois "... não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal..." Mesmo assim, Machado de Assis reconhece a importância de inserir a cultura indígena na produção literária, mas lembra de maneira muito conveniente que não deve ser esta a única fonte de inspiração dos poetas:

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum: e isto basta para não ir buscar entre as

tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições de belo ou os elementos de que ele se compõe.¹

Silviano Santiago no ensaio *A atração do Mundo* (1996), centrou sua atenção neste trecho, especialmente na passagem em que Machado de Assis afirma que “a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum: e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os título da nossa personalidade literária”. Assim sendo, o autor aponta que “o desprezo do autor [Machado] pela contribuição cultural indígena não deixa de ser também lamentável”. (Silviano Santiago, 1996: 36).

Não obstante o afirmado por Santiago, com muito respeito ao crítico, deve-se lembrar que esta passagem é só o começo do ensaio de Machado de Assis. A leitura completa deste ensaio revela que Machado de Assis não está desprezando a cultura indígena, contrariamente ao apontado por Silviano Santiago (1996), mas alertando os escritores para não centrarem suas obras somente na figura do índio, pois este não constitui a única fonte na qual a cultura brasileira foi beber. Machado de Assis recomenda, pois, que as características das duas culturas - indígena e universal - sejam consideradas ao compor uma obra de literatura brasileira. O escritor está interessado em ressaltar que um autor não será considerado nacional por descrever cenários marcadamente locais, mas por saber utilizar os legados universais de forma a colocar neles traços nacionais. De acordo com Ferreira (Eliane Ferreira, 2001: 51), “Machado critica a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação criada pela história, pois, para ele, o que enriqueceria a literatura nacional seria justamente o diálogo com outras culturas, a hibridez cultural.” Por este motivo, Machado cita Shakespeare que, mesmo tomando como referência a literatura universal, não deixa de ser um autor essencialmente britânico. Muitas são as obras de Shakespeare que não estão ambientadas nas Ilhas Britânicas

¹ Machado de Assis, 1997, p. 802-803. Todas as citações são extraídas das *Obras Completas* de Machado de Assis da editora Aguilar, 1997, volume III. A partir daqui, as referências serão indicadas apenas com o número da página entre parênteses.

e, mesmo assim, ele é considerado um dos maiores escritores britânicos de todos os tempos. Segundo Sérgio Bellei (Sérgio Bellei, 1992: 55), é “uma perspectiva adquirida em um contexto cultural que, sendo diferente de outras perspectivas, modifica toda obra que compõe, ao impregná-la com o seu poder diferenciador.”

Machado questiona assim a tradição literária e procura recriar as obras que lhe servem de influência ao invés de simplesmente imitá-las, para assim torná-las universais, não somente brasileiras. Há, portanto uma preocupação em refletir para desta forma, acrescentar alguma novidade ao seu trabalho. Conseqüentemente, o trabalho do autor será uma recriação daqueles que lhe serviram de inspiração.

Da leitura que Abel Barros Baptista (1991) faz do “Instinto de Nacionalidade” no livro *Em nome do apelo do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, se depreende que Machado de Assis está interessado na construção de uma literatura que vai além da representação do Nacional, literatura esta que possa se encaixar dentro do Universal. Assim, do ponto de vista de Machado, a literatura não tem como dever único recriar a realidade local, segundo o escritor, a literatura é criação e, por isso, deve tornar literário todo aquilo que tenha elementos do “belo”. Desta forma, o indianismo é mais um elemento dentro aqueles que o poeta pode escolher para fazer poesia. Desde que o fazer literário é construção e não cópia da realidade o poeta tem inteira liberdade de escolher o tema e a forma que melhor se adaptam aos seus objetivos literários.

Nessa extensa análise Baptista conclui que “o critério decisivo, o que realmente importa para Machado, é um critério literário, que não passa pela nacionalidade: o que legitima uma dada produção literária não é já a relação que mantém com o Brasil” (A.B.B.,1991:74). O crítico português acrescenta, ainda, que “se o tema indianista está disponível independentemente da finalidade do projecto de construção de uma literatura nacional, não há qualquer razão para o considerar um tema especificamente brasileiro” (pg.

75). Para Machado de Assis, o problema “não está em saber o que faz com que a literatura brasileira seja brasileira, mas o que faz com que a literatura brasileira seja literatura.” (pg.83) Assim, temos que Machado de Assis não está preocupado em saber até que ponto a literatura brasileira é independente, mas em inserir esta literatura dentro de um contexto mais amplo como o da literatura universal. Machado de Assis pretende, também, mostrar que a questão literária está dissociada da independência política do Brasil como nação.

Em 1875, dois anos após escrever este ensaio, Machado de Assis publica *Americanas*, coletânea de poemas dedicados aos nativos e à criação do estado brasileiro. Entre os poemas, há quatro protagonizados por mulheres tipicamente brasileiras - índias, mestiças, escravas -. Estas personagens não se apresentam de forma idealizada; tanto os traços físicos quanto as atitudes destas mulheres mostram traços muito próximos do real.

Em primeiro lugar temos, *Potira*, composição dedicada a uma índia que se converte ao cristianismo e abandona sua tribo, acontecimento que nos mostra a influência da cristianização no mundo indígena. Depois, está *Niâni*, uma índia que, abandonada pelo marido, morre de amor. Já *Ângela* é uma judia convertida ao cristianismo que, para defender o pai, profere palavras de exaltação à religião judaica e, por isso, é presa. Finalmente, *Sabina* é uma escrava que se deixa seduzir pelo patrão, para depois ser abandonada.

A escolha das quatro protagonistas revela uma preocupação com a relação histórica dos poemas. Todas elas são mulheres que, de fato, poderiam ter existido e, portanto, as quatro situações apresentadas expõem momentos da colonização do Brasil. Machado de Assis aborda o tema da formação da nacionalidade a partir de uma nova perspectiva, assim o autor construirá esta obra de forma a montar uma crítica ao processo de colonização. Alencar, distintamente, de Machado, e por estar ligado ao movimento romântico, mostra o índio de um ponto de vista ideal, o que se traduz em proporcionar unicamente o olhar do colonizador. Os

índios de Alencar serão ou totalmente submissos ao homem branco, como no caso de Peri e Iracema, ou então rebeldes, como os aimorés.

Se em *O Guarani e Iracema* temos dois índios que aceitam a supremacia do branco, o mesmo não acontece com as personagens de Machado de Assis. Sabina, por exemplo, irá se rebelar contra a dominação do branco, assim, no momento em que ela vê Otávio chegar com a esposa, fica "Atônita e pasmada... Rápido fuge" (p. 141). Já no poema dedicado à índia Potira, quem se revela contra o jugo do colonizador é Anajê. Dele são as palavras: "Oh! nunca os padres pisado houvessem estas plagas virgens!" (p. 96). Por outro lado, *Iracema*, "a virgem dos lábios de mel", não questiona a sua situação nem tenta mudar seu destino. Ela trai o seu povo e, sem hesitar, os abandona, o que implica uma recusa às suas origens e, portanto, numa partida sem volta (Bosi, 1992: 179). Mais, ainda, a ligação entre Iracema e Martim tem todas as características de um relacionamento de senhor e escrava. Da mesma forma, a situação vivida por Peri e Ceci revela circunstância bastante similar à de Iracema e Martim, Peri está sempre disposto a fazer tudo aquilo que Ceci *mandar* mesmo que isso comprometa a integridade física dele.

Diferentemente de Alencar, Machado de Assis cria personagens mais próximas do que ensinam a história e a antropologia. Sabina é privilegiada por ter sido escolhida para o serviço doméstico, mas ao mesmo tempo isto a afasta do seu povo. Ela não convive com os seus, porém não pertence ao mundo onde habita. Quando ela fica grávida de Otávio, se torna alvo de críticas e motivo de piadas por parte de seus iguais. Muitos acreditam ver nela "modos singulares de senhora de engenho" (p. 141). Temos então uma escrava que sonha em mudar de situação.

Quanto à aparência física das personagens, Iracema, Potira e Sabina esta apresenta-se muito diferente. Enquanto a índia Iracema é descrita com um estilo marcadamente romântico, "a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais

longos que seu talhe de palmeira" (Alencar, 1999: p.17); a descrição da escrava Sabina é feita de forma bem simples, sem os adereços românticos e, por isso, a escrava se nos apresenta sem traços idealizados, o que lhe torna muito mais aceitável: tez morena, cabelo negro e olhos cor de jabuticaba. Ela não é filha do chefe da tribo nem do pajé, é uma escrava que trabalha na casa grande e não mora na senzala. Pouquíssimas são as referências à beleza física de Potira. A ausência de uma detalhada descrição das qualidades físicas destas mulheres machadianas é muito significativa já que, uma das marcas românticas foi a idealização da figura feminina.

No poema *Potira*, temos uma índia que, convertida à fé católica e casada com um branco, não aceita voltar à sua antiga tribo. O índio Anajê, que já foi seu noivo, a seqüestra e a leva de volta à taba dos índios. De volta a seu mundo, contra a sua vontade, Potira não consegue se readaptar aos costumes indígenas, vive triste e prefere a morte a se casar com seu antigo noivo.

As situações e os índios de Alencar nos proporcionam unicamente a percepção do colonizador. Por isto, tudo que diz respeito ao índio é visto como exótico. Mais ainda, o índio concebido por Alencar se encaixa na idéia do bom selvagem tão difundida no romantismo. Assim, Peri não só aceita como suplica para ser batizado para, desta maneira, estar apto a salvar a vida da sua senhora, Ceci. É verdade, que em *O Guarani* os índios aimorés atacam a casa do colonizador. Porém, esses índios são concebidos sem postura crítica. Por outro lado, Anajê representa o oposto de os índios criados por Alencar. Ele não aceita o domínio branco e revolta-se com a pregação dos padres católicos clamando que "Vem perto o dia em que,... há de ao frio luar das longas noites o pajé suspirar sozinho e triste sem povo nem Tupã" (p. 96). Este índio poderia muito bem fazer parte do passado histórico do país, já que muitos foram os índios que se opuseram à mudança de religião. A própria Potira mostra-se ainda apegada às suas crenças, pois nela "restos havia dessa crença antiga, antiga e sempre nova: o peito humano raro de obscuros elos se liberta" (p. 105). Machado de Assis insere, neste poema,

uma dura crítica ao processo de conversão religiosa. É claro que muitos foram os índios que não aceitaram esta mudança de crenças. Mesmo no caso dos índios que acolheram a fé católica, seria ingênuo pensar que fizeram isto sem terem sido pressionados de alguma maneira e que nada ficou neles das crenças anteriores. Machado de Assis, escritor sempre preocupado com a natureza da alma humana, apresenta situações nas quais o processo de colonização é questionado, e a figura do índio passa a ser a de uma personagem dotada de complexidade e que não raro assume uma postura crítica frente ao branco dominador.

Assim sendo, a influencia do romantismo teve resultados muito diferentes na obra destes dois escritores representantes de um período áureo da literatura brasileira, em busca da sua identidade cultural. Permanentemente determinado a motivar uma reflexão sobre a humanidade, Machado de Assis mostra um índio que pode ser uma representação aceitável do índio na época da conquista e colonização. Desta maneira, o índio caracterizado em *Americanas* deixou de ser o índio idealizado e mitificado de Alencar, mesmo permanecendo no imaginário popular as figuras de Peri e Iracema como representativas do índio histórico brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. *Iracema*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *O Guarani*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

BAPTISTA, Abel Barros. *Em nome do apelo do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Lisboa: Litoral, 1999.

BELLEI, Sérgio L. Prado. *Nacionalidade e Literatura: Os Caminhos da Alteridade*. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: BOSI, Alfredo. *A Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.176-193.

- _____. Imagens do romantismo no Brasil. In: GUINSBURG, Jacó. (Org.) *O Romantismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 239-245
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BORNHEIM, Gerd. A filosofia do romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. (Org.) *O Romantismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 75-111
- FERREIRA, Eliane F. C. *Machado de Assis: Teórico do traduzir, por subtração?*, 2001. 241 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Vol III
- RAMOS, Graça. A ironia ocidental. In: RAMOS, Graça. *Ironia à brasileira: o enunciado irônico em Machado de Assis, Oswald de Andrade e Mário Quintana*. São Paulo: Pauliceia, 1997. p.75-119.
- SOARES AMORA, Antônio. *O Romantismo: a literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: Cultrix, s/d. Vol. II
- SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo. *Gragoatá*, Niterói, p.31-54, 1996.